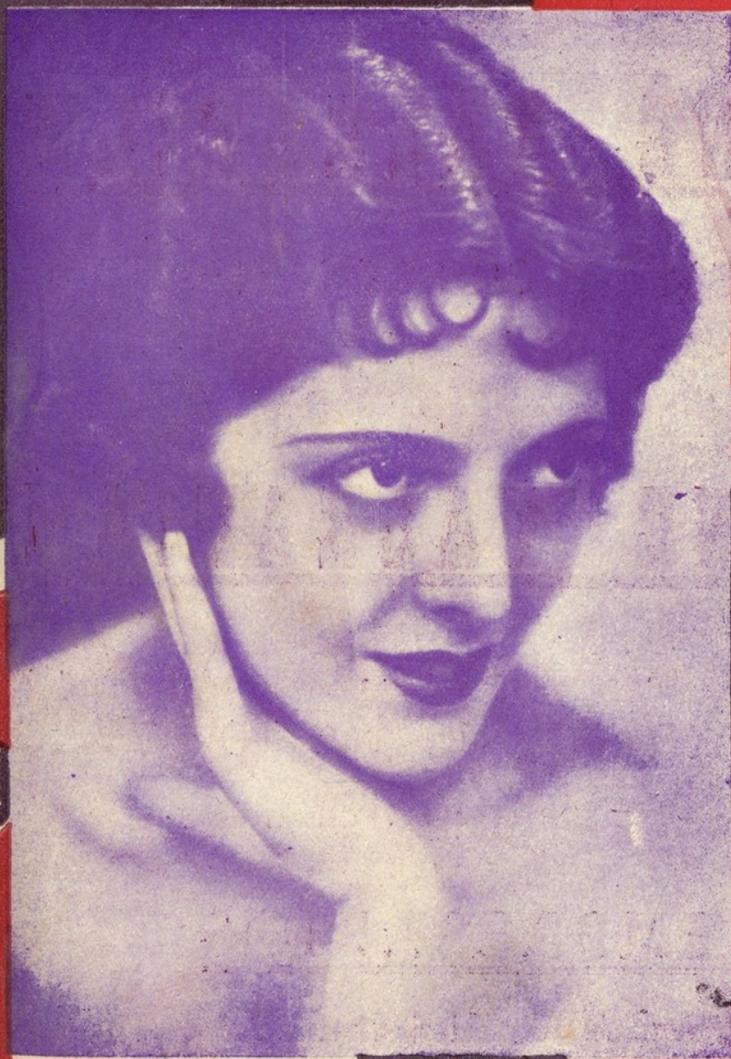


# INVICTA CINE

semanario ilustrado  
de cinematografia



nº  
139

preço

50

centavos

LOSTA

O melhor aparelho de re-  
produção de filmes sonoros  
é incontestavelmente o

## **THOTOTONE TALKAFILM**

a marca de maior  
nome e confiança nos  
Estados Unidos

## **THOTOTONE TALKAFILM**

não emprega baterias de  
especie alguma manejando-  
se com a maior facilidade

## **THOTOTONE TALKAFILM**

acaba de ser instalado no  
cine Batalha, do Porto,  
que hoje inaugura.

**SN S. EMPRESARIOS**

**Peçam informes ao distribuidor**

**para Portugal e Espanha**

**ALBERTO AUGUSTO DE SOUSA**

Travessa de Passos Manuel, 22—1.º—PORTO



SINGRANDO CONTRA  
TODAS AS PROCELAS.

# O Vínculo

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

DIRECÇÃO E EDIÇÃO DE:

ROBERTO LINO

N.º 139

PORTO  
10 DE OUTUBRO  
1931

REDACTOR PRINCIPAL

ALVES COSTA

E  
SOUTINHO D'OLIVEIRA

ANO 9

Comp. e Imp. — DIÁRIO DO PORTO

R. S. Bento da Vitória, 10—Telef. 23008

Redacção e Administração:—Rua das Musas, 45—PORTO - (Portugal).

## As Semanas

Encarando friamente todas as «semanas» que se têm feito todas as semanas, do livro da tuberculose, do analfabetismo, da uva e quejandas, vendo êste desfilar comercialista de coisas sérias, temos de concordar que dia mais, dia menos, aparecerá na mente da gerência de qualquer revista, a «Semana da Cinematografia». Sem cepticismos, os resultados práticos das semanas, não têm sido mais do que atrair a opinião pública para determinados pontos, onde se paga, às vezes caro, a veleidade da atenção; por isso, digamos já que repudiamos esta história de vida, assuntos e caridades às semanas; digamos já, também, que a ideia duma «Semana do Cinema» nos faz sorrir bastante irónicamente—e os porquês virão depois.

Qual o resultado da actividade das «semanas»? Comercialismo puro, nada de lucro para interesse social; a «Semana do Livro» serviu apenas para vender alfarrábios—nesta cidade—á sombra protectora do cavalo do D. Pedro, cimalha elegante duma barraca de banhistas; anunciaram-se umas conferências radifónicas, que só ouviam os priverligiados, possuindo T. S. F.; do resto, extraído o resultado, o público continuou na crassa ignorância do livro, caro, cada vez mais caro... A «Semana da Tuberculose» pôs uns papeis muito lindos nas paredes, beneficiou a filantrópica Assistencia Nacional aos Tuberculosos, mas não livrou o país, embora conferencias de character público se tivessem feito, dum só tuberculoso, dos milhares que existem.

A «Semana contra o analfabetismo» deu, como todas, conferencias, cartazes vistosos «Pais mandai os vossos filhos à escola»—que já não há donde os meter—e morreu ao sétimo dia, com grande congratulação da grande imprensa. A «Semana da Uva» pareceu querer negar que o vinho é a primeira fonte de riqueza do nosso país. E por cima de todos êstes aparentes benefícios, o comercialismo engordando, a diferen-

ciação perniciosa de classes, com chás dansantes, reuniões elegantes e marcantes; o esquecimento por horas dos que sofrem, dos que não tem os olhos abertos á luz da verdade.

O que será amanhã uma «Semana do Cinema»? Ir-se-á ensinar ao povo, o que vale a sétima arte? Procurar-se á demonstrar que o cinema nas escolas é dum grande efeito pedagógico? Dir-se-á que em Portugal, não está oficialmente reconhecido o cinema como meio de ensino? Acabar-se-á com a ficção que o cinema é um inimigo da moral e dos bons costumes? Demonstrar-se-á ao padre português que o cinema pode penetrar dentro da igreja sem ofensa ou quebra de questões religiosas, como se tem feito várias vezes na «Trinité» de Paris, como o têm demonstrado os congressos católicos do cinema?

Não, nada disto se fará, nenhuma destas questões importantes na ordem vital do cinema seria resolvida; haveria apenas uma demonstração de vaidades, os chás dansantes das outras «semanas», umas conferencias sem nexos e sem lógica sobre determinados assuntos cinematográficos e tam fastidiosos que fariam abrir a bôca ao mais insóne auditor.

A fóra disto, far-se-iam umas reposições cinematográficas de bons filmes e pouco mais. Seria uma semana que serviria para distrair um pouco a atenção dos públicos; nada mais seria preciso. Vender-se-iam algumas fotografias de artistas idolatrados e outras bugangas.

No fim, luminárias, grandes parangonas, porque o cinema conquistára á razão de 100% mais um adepto que o viria salvar e resolver a crise em que vive.

Sócrates.

# FITAS FALADAS

Na terça-feira desafiei o Jeremias para ir comigo ao São Luís assistir à estreia de «Salto Mortal».

—Estás maluco!—respondeu-me—. Então tu julgas que vou ao São Luís...

—Lá por causa «disso» não ha novidade. Eu pago os bilhetes—atalhei antes que ouvisse uma preleção sobre a crise económica e financeira e as diversas maneiras de a evitar.

—Não é nada disso. Eu explico porque não vou ao São Luís vêr o «Salto Mortal». Tu já me conheces ha bastante tempo, e já devias saber que sou cinéfilo em toda a acepção da palavra. E, agora, dize-me: Achas que um filme, cuja ação se desenrola nos gelos, possa ser devidamente apreciado numa sala que tenha *chauffage*?

—Deviamos, então, aprecia-lo dentro duma geleira?

—Evidentemente! Assim é que poderíamos «sentir» o filme. E aí está a explicação. Só vou vêr o «Salto Mortal» quando fôr exibido no Coliseu, porque é o ambiente próprio da ação do filme.

E mudando de tom:

—Vocês, que se dizem críticos, vão ás estreias, sentam-se comodamente num *fautteuil*, pucham da caneta, escrevem uns rabiscos no programa e pronto. Está o filme apreciado.

Se veem um filme da revolução Russa, onde a fome anda por todos os cantos, vocês vão com a barriguinha cheia e no final, referindo-se ao filme, dizem: mas que grande borracheira!

—Deviamos, então, ir com fome?—perguntei admirado.

—Pois é claro! Assim é que podiam apreciar o filme. E é assim como eu faço. Muitas vezes espero que os filmes passem em salões cujo ambiente melhor de adapte ao filme que quero vêr, e, então, é que o vejo. «A Severa», por exemplo, só a vou: vêr quando fôr exibida num cinema de fadistas

«O 4 de Infantaria» não o vi no São Luís, mas vi-o ontem no Chantecler.

—E que tal? «Sentiste» o filme?

—Sê «senti»! Vou, até, contar-te que é para aprenderes.

Meti-me num fato de ganga, entrei no Chantecler e sentei-me num banco de estôfo «madeira de pinho».

Apagaram-se as luzes. Começaram a correr no écran as primeiras imagens. O meu corpo começou a «sentir» umas *picadinhas*. Sofriam os soldados com a falta de comer e sofria eu com a falta de uma lata de *Flit*.

Já vês como «sentia» o filme.

—Mas foi só isso?—perguntei.

—Não. Falta o mais «sentido». Foi na altura em que os soldados choravam os membros mutilados. Gritava um: ai que não tenho uma perna. Gritava outro: ai que já não tenho um braço. Nisto «senti» um choque no lado esquerdo do peito. Dir-se-ia que o estilhaço de uma granada me havia atingido. Levei a mão ao peito. O coração dera três pulos. Não me pude conter. Tive que acompanhar os soldados na dôr, no sofrimento. E gritei: Ai que já não tenho a carteira!

\*

+ +

A nova época cinematográfica, foi inaugurada com boas esperanças.

O Central Cinéma, inaugurou com «Cruzeiro de Amor», filme com Lilian Harvey. Um filme interessante que distrai as pessoas vindas das praias com saudades de cinema.

O Palacio e o Royal inauguraram com «Trio Fantastico», com Lon Chaney, onde temos ocasião de ouvir êste artista em imitações e ventriloquia.

E reabriu o São Luís com «Salto Mortal», filme de E. A. Dupont.

Quando falo dêste filme, penso qual o sentido que a sugestão teria atingido no crítico cinematográfico de um jornal que *kinou*.

Naturalmente, como se trata de um filme de circo, a sugestão foi a mesma de «Feras»...

Douglas Fay... bancos

FOTOGRAFIA GUEDES A MAIS PREMIADA  
A MAIS PREFERIDA

Distinguida pela superioridade dos seus trabalhos

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350

## Mais uma doente...

Esta vida de cinema, no que respeita à biografia das vedetas, tem mexeriquices doentias, que não se compreendem.

Há uma preocupação mórbida em querer lançar avidês sobre a vida de tal ou tal artista, mas infelizmente o que muitas vezes conseguem, não é mais do que um enfatiamento geral, seguido dum despertar estrondoso, motivado por um barulhento réclame à americana.

Greta Garbo, uma vedeta nórdica, temperamento frio e esquisito, não sabemos se excessivamente ampliado por snobismo ou réclame, está-se tornando alvo de dichotes tôlos com pouca cabeça e muito menos pés; agora lembraram-se que a mulher há-de morrer duma anemia perniciosa e temos que aturar o mundo cinéfilo pasmão—porque também há o mundo verdadeiramente cinéfilo que o sabe ser—boquiaberto perante as páginas duma revista, revolucionando e revolucionando-se só porque um especialista de Santa Mónica disse que a arti-ta estava fraquinha. Ora, queridos leitores, se tal fôsse verdade se de facto Greta Garbo estivesse em perigo de vida, que valeria toda a celeuma que se faz à sua volta? São umas indiscreções tôlas, sem pés nem cabeça, próprias de quem não tem que fazer. Dezenas de articulistas já revolveram os arquivos, já sacudiram o pó de não sei quantos catrapásios, no desejo de fazerem um elogio funebre condigno, com música e cantochão à vedeta, que muito repimpadamente toma o sol na praia californiana, repousando lânguidamente de ter creado papeis dum sensualismo doentio com que deleita as plateias afrodisiacas.

Não passa de méro reclame sem valor. todos êstes métodos velhos e crónicos de anúncio. Olhando um pouco atentamente para o processo seguido por algumas vedetinhas para o seu conhecimento universal, achámo-lo demasiadamente pindérico. A principio mostraram-nos em belas fotos 18 × 24 a cabeça com expressões de alegria, de chôro, oferecendo um beijo, fazendo beicinho, etc.; depois mostraram-nos o corpo inteiro vestido em poses esquisitas; por fim vendo que não corria lá muito azado o tempo, e que não apareciam principes papalvos ou quejandos, começaram a despir as tanguinhas, a darem-nos poses de pai Adão a ver a Eva. Todavia, êste método ainda não surtiu efeito, e como o velho mundo é sentimentalista, começaram os escandalos amorosos, as doenças, os perigos de vida, todo êsse sistema de reclamo-mania que conhecemos.

Citam-se dentro dos casos que apontamos nomes, como Jeanette Mac Donald, Clara Bow, Pola Negri, e por último também atacada pela



GRETA GARBO

tal anemia perniciosa a suéca Greta Garbo. Achamos isto muito de doentio, muito de ridículo e mesquinho, qualquer coisa de revolver de roupa suja.

Que se faça uma publicidade conscienciosa a uma vedeta, que se lhe dê determinada notoriedade, é justo e admissível; agora que se procure pôr os cinéfilos do velho mundo,—sim, porque estas parvoíces são para cá exportadas—a rezarem em côro para que não falte a saúde à querida vedeta Greta Garbo é um tanto ou quanto «shocking», uma pretensão idiota de querer que a Europa côma todos os palões exportados por alviçareiros inconscientes.

NOBODY.

## FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros prémios em todas as exposições a que tem concorrido

346-Rua de Santa Catarina-350

# A MINHA PENA

Da janela dêste quarto onde escrevo, um quarto de rapaz para quem é alegria viver, mas a quem já pesa a vida, infelizmente alcançada por civilizações e desgostos, vejo um mar vermelho de telhados, fundindo-se ao longe com o azul do mar, que se beija com o céu. Por entre esta neblina pouco densa, que azul e esvai os lados da velha vila de Gaia, por entre esta fumaceira que vomitam chaminés de cosinhas, queimando Cardiff, sobe até mim o broá das gentes, o ruído marchar do progresso, como com medo de não vincar uma data, o toque, mixto de alegre e lúgubre, das auto-macas que diáriadamente aqui passam, acumulando dôres nas camaratas do Hospital, fazendo lágrimas nos lares, donde — quem sabe? — aquêlê querubinzinho loiro que travesuras fazia, que era enlêvo e tormento dos pais, fugiu numa ansia de folguêdo, inocente e descautelado para o rodado assassino dum pesado camião moderno. Caiem os dias lentamente como caiem as horas; mas lá de baixo, do rez do chão, vem, como se nada tivesse havido de extraordinário, o mesmo broá os mesmos gritos, os mesmos pregões...

Nada me lembra em momentos de profunda abstração, que tenho de dar a uma revista, mal alinhavadas páginas, que tenho de fazer artigos que interessem êste e aquêlê, que não reduzam a revista, para que escrevo, à condição de ser lida por três: eu, o revisor e o tipógrafo.

Nada me recorda que existe uma arte grandiosa, que se chama cinema, que tem fóros de eterna e que se o não fôr marcou um traço brilhantíssimo dentro do século XX. Sómente para me acordar da minha abstração me acenam de longe, como amigas, as cópas altas das velhas arvores do Palácio, o actual guardião decano do cinema silencioso, e o estrépido dum «claxon» me faz volver a cabeça, patenteando-me um réclame volante do Trindade.

Então, não como se fosse fardo pesado, tomo a minha velha companheira, a minha confidente, a que me vem há anos traçando um caminho na vida, que tem gemido comigo, que tem sido levada ou num momento de ner-

vosismo ou num instante de calma, a enegrecer páginas e páginas de papel, que tanto são, muitas vezes, um balsamo para nós próprios, como a verrina cuspidã sôbre quem quer que seja. E essa companheira é, meus poucos leitores, a minha pena, um trabuco americano de celuloide, com um bico gasto e polido mas que escreve como eu quero e o que quero, sem ter o capricho de penas novas, que como donzelas de hoje a cada passo tem um espirro de mau humor, a leviandade dum entrave.

Quando a tomo, pergunto a mim próprio, pergunto-lhe a ela, o que havêmos de dizer; a banalidade? O artigo sôbre técnica que todos põem de lado á sexta linha? Cochichar da vida desta ou daquela estrêla?

Murmurar do casamento do esquécido John Gilbert ou dos escandalos da Clara Bow? Tudo isso me enfada, a enfada. Sinto-a, às vezes, mais pesada nas mãos, quando tenho de sofrer o tormento de fazer um artigo sôbre cinema contrariado; tenho a impressão que o velho bico não risca de boa vontade o papel, não escreve a miséria e a alegria, a riquêsa e a pobreza desta grande classe que se chama o cinema-familia de felizes e infelizes, de desgraçados e desgraçadas.

Mas, o mas eterno, a adversativa que tem revolucionado o mundo, o director que quer um artigo e tem de se fazer. Falar de quê? Dizer que temos uma suspeita de que a época presente vai ser muito pouco valiosa para o cinema sonoro? Chorar pela centéssima vez a morte do cinema silencioso? Dizer que às figuras do cinema sonoro, falta apesar de terem voz, o relêvo? Que mais,

que mais dizer e debater?

Perdoai, leitores, a minha pena não quer escrever; talvez tenha ciúmes duns olhos de cigana, que dum retrato me veem enegrecer o papel, e com tamanho mal, chia, geme, põe um gemido esquisito na meia-luz dêste quarto que se afoga na sombra, quando já o sol põe em fogo o horizonte e o oceano...

(S.)

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

## FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo atelier fotografico

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, R. Santa Catarina, 350

# DAVIDA CINEGRATICA

## Caprichos

Nota-se todos os dias como a sorte favorece uns e esquece outros. Assim acaba de encontrar-se num quarto dum hotel de S. Francisco, quasi morto de fome, um velho actor de nome, Ferris Hartmam. Nunca foi atraido pelo cinema e depois de varias tentativas deixou-o sempre para voltar para a cêna. Contudo, Mabel Normand, Mack Senett, Buster Keaton, Charles Ray, Fatty Arbuckle e muitos outros devem-lhe os primeiros encorajamentos que os levaram aos grandes sucessos.

## Tentativa ?

Nada há de positivo neste assunto, mas diz-se que Clara Bow conta voltar ao écran e que os seus novos trabalhos serão para a Universal.

## Nana

Joseph von Sternberg tinha a intenção de fazer Marlène Dietriche interpretar o papel de Nana segundo a obra de Zola, mas apresentaram-se-lhe diversos obstáculos. Há dificuldades com os herdeiros do auctor e com as autoridades americanas. Querem impor a von Sternberg côrtes sob o pretexto de salvaguardar a moralidade a tal forma que o «metteur-en-scène» conta abandonar o seu projecto. Pensa ôle que com tais razões nunca se poderá fazer justiça à obra do grande naturalista.

## Réclame

A Metro acaba de adotar uma tactica nova; para melhor atrair as massas populares não anuncia só um artista em determinado filme, mas sim dois. Assim, veremos «Vidas particulares», com Norma Shearer e Robert de Montgomery; «Mata-Hari», com Greta Garbo e Ramon Novarro; «O Campeão», filme de King Vidor, com Wallace Beery e o garoto Jackie Cooper.

## O novo filme John Gilbert

John Gilbert converter-se-á em fazendeiro no novo filme «West of Broadway», sob a direcção de Harry Beaumont.

O papel de Gilbert é o de um veterano da guerra desiludido que se casa sob circunstancias muito dramaticas durante uma festa de despedida que lhe oferecem em Nova-York, enfrentando complicações de todas as especies durante o seu periodo de regeneração.

Lois Moran foi pedida emprestada à Fox, para interpretar o papel de jovem que se casa com John Gilbert. El Brendel que tambem faz parte dos artistas da Fox, dará a nota comica no seu papel de licenciado do exercito que se consagra ao serviço de Gilbert, seu ex-sargento. Gwen Lee tem o papel de jovem vampira, e Richard Carlyle e Relp Bollamy completam o elenco.

## Um trio interessante

Três das mais populares artistas da tela foram escolhidas para representarem os três primeiros papeis numa nova comédia intitulada «Boarding House», que vai ser produzida brevemente pela Metro-Goldwyn-Mayer. São elas: Anita Page, Dorothy Jordan e Madge Evans.

O filme, que se relaciona com a vida de três jovens modernas, de três diferentes cidades, será dirigido por Harry Pollard.

Miss Jordan, recentemente, obteve grande successo em «Min And Bill», «Shipmates» e «Young Sinners».

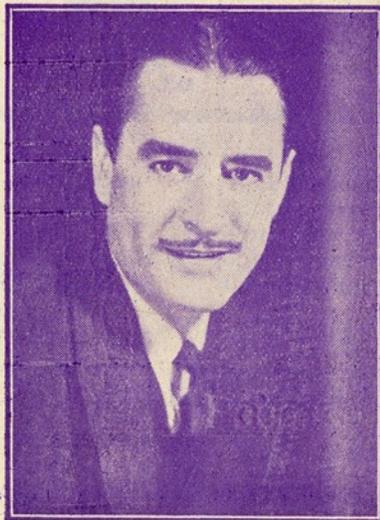
Miss Page, que, recentemente, representou com John Gilbert em «Gentleman's Fate», está agora trabalhando ao lado de Buster Keaton em «Sidewalks Of New York».

Miss Evans, que desde a sua infancia tem sido uma artista cinematográfica e que voltou recentemente a Hollywood, do teatro de Nova York, aparece ao lado de Ramon Novarro em «Son of India» e agora está trabalhando com Lionel Barrymore em «Guilty Hands».

## Ramon Novarro é um grande colecionador de discos espanhoes

Embora o gosto de Ramon Novarro pela musica tenha sido objecto de larga publicidade, não é geralmente sabido que ôle é proprietario de uma das maiores coleções de discos espanhoes em existência. Num ano, Novarro, colecionou quasi todos os discos novos de musicas espanholas assim como discos de qualquer instrumento musical de compositores espanhoes. Ramon diz que usa a sua coleção frequentemente afim de dissipar a melancolia. Diz que quando está triste põe um disco espanhol no gramofone e, enquanto ouve tais canções, esquece-se das suas tristezas.

Numa mesa perto do aparelho ha um par de castanholas sendo hábito de Novarro marcar compasso com elas enquanto ouve as musicas.



JOHN GILBERT  
Protagonista do novo filme «West of Broadway»

«lavicta-Cine» publica-se ao sabado

# ALVARO Pires, socio-gerente do Aguia d'Ouro diz-nos

## o que será a época 1931-32 no seu cinema

### O homem

O quê? Pois vocês não conhecem Alvaro Pires? Ora se conhecem! Não? Então nunca viram, à entrada do escritório, numa daquelas noites de «primeira» sensacionais, que juntam no Aguia toda a élite cinefila portuense, um sujeito baixo, gordo, de cabelo lambido apartado a um lado, cara rapada e empinando um pouco um abdómen de características absolutamente burguesas? Recordam-se agora?

Pois é esse todo!

Não sei já quem me disse uma vez que Alvaro Pires era uma espécie de fera humana. Não é verdade. E' certo, todavia, que Alvaro Pires tem um génio e umas maneiras... um tanto ou quanto bruscas e não poucas vezes se deixa arrastar pelos primeiros impulsos dos seus nervos, mas, no fundo, é uma excelente pessoa, podem crêr, e, segundo julgo, bom amigo do seu amigo. Vocês compreendem. Suster o leme dum «barco» como o Aguia d'Ouro não é brincadeira. Os mares que êle sulca são rochosos e arriscados e ao menor enfraquecimento de pulso corresponderia logo um rombo perigoso. Não se podem, pois, adoptar meias medidas. Tem de se ser decidido, violento... e, às vezes, manhoso... Mas Alvaro Pires é «lobo do mar», conhece a fundo o seu «metier» e com êle não há os riscos dum naufragio.

Alem disso, Alvaro Pires, tem um grande orgulho no seu cinema e por isso a nada se poupa para bem servir o público. Quantos e quantos ensaios não se fazem antes de exhibir um filme! Quantos retóques! Quantos concertos! Quanto trabalho!... O público nem sempre merece um tal cuidado, porque não sabe, sequer, notar o esforço que houve para lhe darem um bom espectáculo, mas... aos pouquinho, já vai reconhecendo esse cuidado.

Vocês lembram-se, não é verdade, de *Um Sonho Côr de Rosa* e de *Casados em Hollywood*? Pois perguntem aos vossos conhecidos de Lisboa em que condições esses filmes ali passaram e avaliai depois o que cá se fez para apresentá-los tais como vocês os viram.

Como apresentação do nosso entrevistado, creio que isto já basta.

Vejamos agora...

### O que êle nos disse

Vocês não se admirem de eu não ter chamado a Alvaro Pires, «inteligente e activo socio-gerente da elegante noite que é o Aguia d'Ouro e que êle mui proficientemente dirige», etc., etc. E' que uma entrevista é sempre uma serie de lugares comuns e se nós chegamos a evitar algumas das vulgaridades da praxe, já conseguimos alguma coisa. Mas vamos ao que importa.

A nossa entrevista foi mais uma palestra amena. Conversamos muito sobre a temporada que começa e mesmo sobre a época que findou. Recordamos os grandes sucessos de 1930-31, os êrros então cometidos e os louros ganhos:

—«A temporada finda, para o Aguia d'Ouro, diz-nos Alvaro Pires, foi boa — o diabo seja surdo—apesar de tudo e de eu ter levado três ou quatro filmes, contra a minha vontade, que melhor estariam no caixão do lixo. Mas que queria? Eu não tinha mais nada para exhibir.

•Para esta época, que está muito mais bem organizada mas que, apesar disso, é um empreendimento arriscado, tenho já um bom lote de filmes, em alguns dos quais eu tenho muita esperança. A lista dos filmes que já estão marcados é a seguinte:

*A Ilha dos Navios Perdidos* com: Virginia Valli, Jann Robards e Noah Berry; *Cruzeiro do Amor* com: Lilian Harvey e André Roanne; *Misterios de Berlim* com: Jean Perier e Annabella; *Morcego* com: Anny Ondra; *Uma noite de Monte Carlo* com: Lilian Harvey; *Os Anjos do Inferno* com: Ben

Lyon, James Hall e Jean Harlow; *Para alcançar a lua* com: Douglas Fairbanks e Bebe Daniels; *O Rei de Roma* com: Jean Weber; *Uma Noite de Rusga* com: Albert Préjean e Annabella; *O Misterio do Quarto Amarelo* com: Rolan Toutain; *O Perfume da dama Negra* com: Rolan Toutain, Huguette Bilières e Maxime Dejadins; *Uma Noite no Front* com: Deboucourt P. Richard e Jeanne Boitel; *Espero-te à Meia Noite* com: Pierre Bestin e Mireille Perrey; *O Cantor Desconhecido* com: Lurien Muratore; *Paris Beguin* com: Jane Marnac; *O Sargento X* com: Ivan Mosjoukine e Suzy Vernon; *Atlantis* com: Maxime Dejadins; *Em Frente, Marche!* com: Buster Keaton.



ALVARO PIRES

(Conclui na última página).

# Balanço da Época 1930--31

Organizado por Camilo de Vasconcelos

Chegou precisamente o momento em que cada um, pausadamente, pode julgar a temporada finda como lhe aprouver.

umas breves tréguas cinematográficas dão lugar a que os distribuidores arrumem os filmes das prateleiras, para outros filmes os substituam.

Para dar azo a praticarem-se diversas comparações resolvemos publicar a presente relação, podendo mesmo chegar-se a conclusões verdadeiras interessantes.

## AGUIA D'OURO

A 15 de Setembro de 1930, inauguração do sonoro, com a apresentação do drama de Strichewski, «Troika», com Olga Tschekowa e H. A. von Schleton; o «sketch» de Colombier, «Chiqué», com Irène Wells e Charles Vanel.

A 22, «O Prémio de Beleza», drama de Augusto Genina, com Louise Brooks e Georges Charlia.

A 29, «A Vida é Bela», com A. Bougé.

A 6 de Outubro, o documentário de Ruttman «T. S. F.» e a comédia de Clair, «Sob os Telhados de Paris».

A 20, a comédia de Ted Wilde, «Harold Encravado», com Harold Lloyd e Barbara Kent.

A 3 de Novembro, «Bluff», «sketch» de Georges Lacombe, com Albert Préjean e «O Gaiato de meu Pai», de Limur, com Adolph Menjou e Alice Cocéa.

A 10, «Um Sonho Cor de Rosa», com Janet Gaynor e Charles Farrel, filme de David Buttlar.

A 24, «O Julgamento de Gaby», de Maurice Tourneur, com Gaby Morlay e André Roanne.

A 1 de Dezembro, «A Parada do Amôr», opereta de Lubitsch, com Jeanette Mac Donald e Chevalier.

A 22, «O Corpo de Delito», película de Petez e Coröner, com Antonio Moreno e Maria Alva.

A 29, o filme de Marcel Silver, «Casados em Hollywood», com Harold Murray e Norma Terris.

A 5 de Janeiro de 1931, filme de Fitzmaurice, com Rod La Rocque e Billie Dove, «Mulher de Mármore».

A 12, «A Patrulha da Alvorada», com Hamilton, Barthelmess, etc., de Howard Hawks.

A 26, o filme falado em português, «A Canção do Berço» (de A. Cavalcanti), com Corina Freire e Alves da Costa, Raul de Carvalho, etc.

A 2 de Fevereiro, a opereta de Del Ruth, «Eldorado», com Conway Tearle e Albert Grand.

A 9, a comédia de Reginald Denny, «Ama de Reginald». (1)

A 17, o «sketch» de Marguerite Moreno e Pau-

(1) Em virtude de estúpida e descabida patesada, este filme não concluiu a habitual carreira de uma semana. O programa anterior substituiu-o.

ley, «Sexo Forte», e a comédia «Queridinha», com Nancy Carroll e Jack Oakie (F. Tuttle).

A 23, a opereta de Hobart Henley, com Chevalier e Claudette Colbert, «O Grande Charco».

A 2 de Março, a comédia de Colombier, com Milton, «O Rei dos Borlistas».

A 9, o drama «Misterioso Dr. Fu Manchou», com Warner Oland.

A 16, a revista «Dias Felizes».

A 23, o filme de Ludwig Berger, «O Rei Vagabundo», com Dennis King e Jeanette Mc Donald.

A 2 e 3 de Abril, reposição da obra-prima de De Mille, «O Rei dos Reis».

A 6, «Paramount em Gala».

A 13, «O Anjo Azul», de Sternberg, com Emil Jannings e Marlene Dietrich.

A 20, «Chegou a Primavera», comédia de Francis Dillon, com Bernice Claire e Laurence Gray, e «A Princesa do Jazz», com Betty Compson e Jack Oakie (W. Ruggles).

A 27, «Como Berlim Recebeu Charlie Chaplin», curiosíssimo documentário com as principais fases da chegada à capital alemã do grande Mestre, e «O Milhão», filme de René Clair, com Annabella e René Lefèvre.

A 11 de Maio, o filme de Jorge Infante, «A Dama que Ri», com o mesmo elenco de «A Canção do Berço».

A 18, a opereta da First, com Marilyn Miller e Alexander Gray, «Sally»

(Francis Dillon).

A 25, a cultural da Ufa, «Caça aos Ursos nos Carpátos», e o drama de Genina, com Daniele Parola e Pierre Batcheff, «Amores da Meia Noite».

A 1 de Junho, o filme de E. W. Emo, falado em português, «A Minha Noite de Nupcias», com Beatriz Costa e Estevão Amarante.

A 22, a opereta «Flagrante Delito», com Blanche Montel e Henry Garat (Hans Schwarz).

A 29, o filme de bonecos articulados, de Ladislau Starevitch, «A Pequena Parada», e o filme português «A Severa», de Leitão de Barros, com Dina Tereza e António Luís Lopes.

A 26 de Julho, o programa atrás indicado encerrou a época de inverno, seguindo-se-lhe a de verão com reposições dos mais sensacionais filmes da temporada.

## TRINDADE

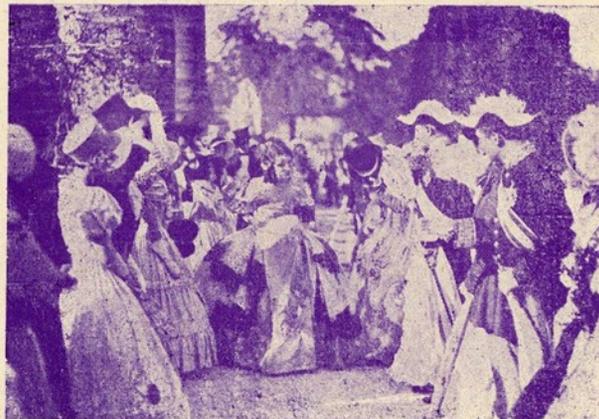
Em consequência dos diversos melhoramentos que lhe foram introduzidos, o Trindade foi o cinema que mais tardiamente inaugurou a época de inverno.

Apetrechado para o sonoro com uma aparelhagem Western Electric, reabriu.

Continua no proximo numero.



Uma imagem de «O Milhão» uma das grandes produções apresentadas na época cinematográfica 1930-1931



Uma imagem de «A Severa», o filme português que maior sucesso obteve na época cinematográfica 1930-1931

# OLYMPIA

Estreia hoje o super filme falado  
e cantado em francês

## A Barcarola de Amôr

Interpretado pelo notavel  
actor CHARLES BOYER  
e pela formosa actriz can-  
tora SIMONE CERDAN

Realização de HENRY ROUSSELL

Todos os aparelhos de cinêma  
sonoro teem as suas qualidades



O aperelho sonoro  
**MELODIUM**  
é equipado com as  
mais perfeitas peças  
da indústria mundial



Peça condições e preços de venda ou aluguer  
a ERNESTO DE BALMACEDA

Rua Anselmo Braancamp, 534-PORTO

# Castelo Lopes

apresenta:

## No Olimpia

### “BARCAROLA DE AMOR,,

O empresário de um teatro lírico em França consulta os membros da direcção sobre a opera a ser montada após «Tannhäuser» de Wagner.

Um deles lembra o «Crepúsculo dos Deuses», o outro, porém, entende que é precisa música mais viva, mais ligeira. O empresário resolve, pois, montar «Os contos de Hoffmann». Nessa ópera cómica há três primeiros papeis de mulher. E sucede que, a pedido do secretário de André Le Kerdec, o «Mecenas» que subvenciona, a miúdo, o Teatro Municipal, um desses três papeis é distribuido a Fanny Laure, uma corista galante da Companhia.

\* \* \*

André Le Kerdec nutre de há muito uma paixão por Fanny Laure, mas nunca lhe falou. Lembra-se então de, por intermédio do seu secretario Pierre Faber, a convidar para uma ceia após o espectáculo, num restaurante da moda.

Mas um conselho de direcção na companhia de que é presidente impede-o de comparecer, e, em seu lugar irá o secretário.

Fanny Laure é pontual. Robert Faber prodigaliza-lhe mil atenções quando surge Le Kerdec. Fanny fica mal impressionada com a chegada deste novo personagem.

E mais ainda quando vê Robert Faber afastar-se. Le Kerdec e Fanny ficam sós mas ela repudia-o, e sai indignada.

Robert, à porta, toma-lhe o passo e explica-lhe a situação. Ao saber que êle não tinha outro caminho a seguir, visto que é o secretário de Le Kerdec, enternece-se, sorri...

\* \* \*

A amizade entre Fanny e Robert, que a procura às ocultas, vai em progresso. Le Kerdec participa ao secretário a intenção de se ausentar e êste, movido pela afeição sincera que o une ao patrão, dispõe-se a acompanhá-lo.

Mas na vespera de uma caçada, a última festa a que irá Le Kerdec, êste descobre que o secretário está apaixonado por Fanny...

Dá se uma cena violenta entre ambos.

Robert Faber jura-lhe, porém, haver cortado relações com Fanny, no propósito de o acompanhar, a êle, na viagem. Le Kerdec fica indeciso.

Um acontecimento inesperado leva a Fanny à convicção de que André Le Kerdec a ama verdadeiramente.



Uma cena do fonofilm «Barcarola do Amor» com Charles Boyer e Simone Cerdan.

## No Águia d'Ouro

### “A Ilha dos Navios Perdidos,,

O tenente Frank Howard, evadido das prisões de Sing-Sing, é o assunto de todas as conversas a bordo do paquete *Queen*. Howard tem um cão de fila que não o larga: o detective Jackson, do Corpo de Investigação de Nova York. Foi êsse homem quem, ao cabo de uma tenaz perseguição, que durou meses, conseguiu prender o uxoricida.

Entre as passageiras, uma há que se perturba à aproximação do assassino: E' Dorothy Tiler, uma orfã riquíssima que se faz acompanhar da sua tia e tutora. Mas Dorothy e Howard mal tem tempo de trocar uma palavra. Jackson interrompe-os, conduzindo o oficial ao seu camarote, onde fica a ferros.

O *Queen* deixou Porto-Rico e segue a rota de Nova York, achando-se a pequena distância da Ilha dos Navios Perdidos. Os marinheiros asseveram que todos os detritos do Atlântico são arrastados para essa região inexplorada, por uma espécie de remoinho, gerado por variadas correntes. Com o tempo, formou-se uma ilha de navios abandonados, ao centro do Mar de Sargaços, massa compacta de algas, na extensão de muitas milhas, e de que navio algum se pode aproximar sem correr o risco de avariar as hélices.

O *Queen* choca-se com um barco que segue à deriva, e começa a afundar-se. Grande pânico entre os passageiros que, tumultuosamente, entregam os cintos salva-vidas, preparando-se para abandonar o navio.

Jackson corre ao camarote de Howard, tira-lhe as algemas e põe-no ao facto da situação em

(Conclui na última página).

**Greta... sem Garbo** — Porto — Você lá sabe... 1.<sup>a</sup> Não senhora, ainda não foi comprado para Portugal. 2.<sup>a</sup> Marroco já passou em França e com o titulo de *Coeurs Brulés*. Nem toda a imprensa foi favorável. 3.<sup>a</sup> Faremos o que desejava.



**Mar-e-Alva** — Porto — Nada tem que agradecer. Eu dei-lhe alguma coisa? Obrigado pelo abraço. Fico esperando a sua carta.

**Um desiludido** — Porto — Posto que parte da sua carta não tenha nenhuma relação com o cinema isso não impediu que eu o lesse com interesse nem obsta

**Jam a dreamer**

—Porto—O último filme de Janet Gaynor e Charles Farrel foi: *Merely Mary Ann*. Não sei se Maria Sampaio costuma responder aos seus admiradores. Experimente. Escreva-lhe para R. António Pedro, 143-1.º, Lisboa. Mande sempre... e não sonhe mais.

**Laurita**—Espinho—Muito prazer em conhece-la minha gentil amiga. Não devia ter hesitado em escrever-me. Eu não estou aqui senão para satisfazer as curiosidades dos meus queridos leitores. Por enquanto desconhecem-se as intenções da Paramount com respeito aos prováveis futuros filmes falantes em língua portuguesa. Não queira ir para o cinema. Serão mais os desgostos e as desilusões do que os loiros colhidos. Creia no que lhe digo e disponha sempre dêste seu creado.

**Carameira**—Porto—Rejubilei ao saber que se tem dado magnificamente com o quasi-nudismo. Como vê os meus conselhos só tem trazido bons resultados. A ideia do Academico foi boa mas não me parece muito viavel. O melhor é não pensar mais nisso. Há pouco interesse em secundá-lo. E' muito possível que a rapariga que Você viu na Foz fosse a Heloisa Clara. Como é que ela ia vestid? Nancy Carroll: Paramount New York Studio—Long Island City, N. Y., U. S. A.; Marlène Dietrich: Paramount Publix Studios, Hollywood, Cal., U. S. A.; Anita Page: Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Cal., U. S. A.; Mariana Alves: SUS.—Avenida da Liberdade, 73-1.º, Lisboa.—Transmitirei ao Douglas Faz... Bankos as suas felicitações. Obrigado pelo abraço. Escreva sempre.

**Um Academico**—Porto—Com as primeiras chuvas outonais finda o «amokismo», como Você diz, para voltarmos a dedicar-nos ao cinema de corpo e alma. Com respeito à sua lembrança o melhor que temos a fazer é não pensar mais no assunto. Não se aflija. Aquela nota do n.º 137 foi unicamente por causa duns engraçadinhos que eu não estou para aturar. Agora Vocês podem continuar a escrever-me tantas vezes quantas quiserem, que eu recebo-los-ei sempre de braços abertos. Logo que a menina «Amo Um Académico» me dê a sua direcção, remeter-lhe-ei a sua carta. O Alves Costa agradece os parabens. Transmitirei ao Faz... Bankos o seu «abraço especial». Até à semana.

**Estudante cinéfilonudista**—Porto—Creia que a sua carta causou-me uma agradável surpresa. Não desisti do «praísmo», vi-me obrigado a suspendê-lo por diversas razões que não vêm agora a propósito. Você, é claro, é um «ferrinho» na Foz e, ultimamente, tem sido feliz porque está um tempo maravilhoso. Melhor do que em Setembro! A sua opinião sobre *A Severa* chegou tarde... mas mais vale tarde do que nunca. Estou de acôrdo consigo Permita-me uma nota: o autor da musica foi Frederico de Freitas e não Oscar de Freitas. O Alves Costa agradece as felicitações pelo artigo «Pobre Cinema». Você não tem motivos para discordar do ponto que cita. Ninguém hoje duvida que o cinema seja uma arte e uma arte de riquíssimos recursos e de grandiosas possibilidades. Mas é uma arte que tem umas condições de vida muito especiais sendo o seu maior sustentáculo o comércio, ao qual ela está duramente sujeita. Até breve. Dê-me o prazer de o lêr mais vezes.

**Baile Dóve**—Lisboa—Nem «grossura»—por que eu sou quasi cem por cento abstémio—nem nudismo—porque isso é absolutamente salutar—foi a causa da nossa efêmera suspensão. Razões poderosas e isso nos obrigaram. Mas, como vê, cá estou de novo para a consolar. Das oito quadras que me escreveu, a que mais me tocou foi aquela em que Você diz que «fez tormentos» o que levou o seu pai a pregar-lhe com força quatro chapadas nas ventas. Olhe se ele lhe partia os oculos!... Não torne a fazer mais tolices, mesmo por minha causa...

a que eu lhe responda. Ao ver o seu novo pseudonimo e o ar carrancudo das suas primeiras linhas, notei logo qualquer coisa de inusitado.

Uma questão amorosa como a sua não merece tanta importância. De mais a mais ha tantas mulheres neste lindo Portugal! Quando uma mulher se aborrece de nós, é um disparate pressegui-la e tentar de novo reconquistar os seus favores. O melhor é deixa-la à vontade... e arranjar outra. Mas, note bem, nada de cenas de ciúmes ou semelhantes «partes gagas»... porque isso é ridiculo. Mesmo para conquistar mulheres não é muito recomendavel andar sempre atrás delas (foi o seu erro); é muito mais elegante e muito menos acreaçado esperar que elas venham ter conosco. Dou-lhe por ultimo um conselho. Evite durante algum tempo encontrar essa rapariga e... não pense mais nisso.—O Aguiã d'Ouro não exhibirá esta temporada filmes da Paramount mas em troca levará alguns das melhores produções da Metro. Por enquanto parece-me que anda não ha filmes ingleses comprados. E' pena porque a Inglaterra está fazendo algumas coisas interessantes e está desenvolvendo uma actividade muito notavel. Vamos a ver o que sai desta época; agora que os cines estão anunciando os seus primeiros lotes de filmes, começo ganhando esperanças. Não desanimemos. Não me maçou absolutamente nada. Continue escrevendo-me sempre que queira.

**Sar... Dão**—Lisboa—Muito obrigado pela sua amizade. Verá, esta temporada, Bebe Daniels em *Rechin for the Moon*. Dantes mandava retrato gratis. Agora possivelmente que não. A sua direcção é: Warners-First National Studios, Burbank, Calif., U. S. A.

**Quem disse?...**—Matozinhos—Ai Você tambem já apanhou esse estribilho?... A Radio Pictures tem um magnifico elenco. Não lhe posso aqui citar todos os principais contratados, porque são muitos, mas apontar-lhe-ei os mais notáveis: Evelyn Brent, Mary Astor, Lily Damita, Dolores del Rio, Richard Dix, Lowell Sherman e Robert Ayes. A direcção da Radio é: Radio Pictures Studios, 780 Gower St., Hollywood, Calif., U. S. A.

Sempre as suas amáveis ordens.

**P-1**—Vizeu—Ivan Mosjoukine: Kurfurstendamm, 195—Berlim W, Alemanha. De Jean Epstein passaram em Portugal, pelo menos, os seguintes filmes: *Roberto Macario*, *O Leão da Mongolia*, *A Queda da Casa Usher* e *Pescadores de Sargaços*. Sim senhor, Maurice Tourneur tem um filho chamado Jack que foi seu assistente durante muito tempo e que acaba justamente de dirigir o seu primeiro filme: *Tout ça ne vaut pas l'Amour*.

**Alberto**—Porto—Vamos publicar o balanço da época passada e Você aí colhrá os dados que desejava. Não tem que agradecer a publicação da sua carta porque ela é realmente uma das melhores que recebi. A fita a que se refere é, na verdade, medíocre. A sua ideia de filmar *Os irmãos Karamazoff* veio tarde. Fedor Ozep está filmando a versão francesa dessa obra de Dostoievsky, precisamente neste momento, e com bons interpretes: Fritz Rasp, Anna Sten e Fritz Körnter.

Escreva sempre, não maçou nada.

**Amo Um Académico**—Porto—Tenho uma carta para si de «Um Académico». Remeter-lha-ei logo que me dê o seu nome e morada. Saudades do...

AMOK.

Lede e propagai

«Invicta Cine»

# HAWAII

Um aspecto de encantamento, por entre altos palmares, por entre os quais se cõa a luz brilhante do sol, uma vegetação paradisíaca, mixto de arbustos e árvores, uma terra virgem de civilizações avançadas, onde o homem sofre as es-craviddões de Progresso. tais são, os aspectos de uma maneira muito geral, das ilhas de Hawai, onde Murnau faz nascer «Tabu». Ramon Navarro canta «O Pagão» e Raquel Torres é uma méiga rapariga em «Sombras Brancas».

Por sôbre todo êste décor, destas ilhas polinésicas, o cantar melódicamente bárbaro das guitarras hawaianas, pondo no ar notas vibrantes, cristalinas, tam suaves e tam meigas, que mesmo ouvidas junto de nós parecem vir de longe, de muito longe, esvaindo-se lentamente pelo ar uma poalha doirada do sol, quando já entenebrece a floresta primitiva, caindo numa obscuridade lentamente, como lentamente se esvai a última nota da guitarra hawaiana.

Nêste ambiente, em que, às vezes, o filme parece traduzir a vida lânguida dêsses ilheus, situados ainda na zona do sol ardente, a civilização põe sempre um grito de morte, encarnada naqueles senhores nglezes de fato branco e cabeça coberta de capacete de cortiça; não há espectador, que ao vêr qualquer dos filmes há pouco citados, não se revolte contra principios século vintescos que aniquilam os homens para os tornarem escravos de principios comerciais, mola do mundo e assassinio do mesmo.

Parecem, muito embora por estas regiões não tivesse andado, páginas de Loti essas imagens dos filmes, cantando o amor selvático, mas meigo e arrebatado dos hawaianos; cada quadro de filme é uma página dum colorido tam deslumbrante, dum pitoresco tam belo que então o cinema vinca-se, consagra-se. Aquela palmeira isolada que se vê num promontório, esgalhada, os braços lassos, como cansada da vida, põe no panorama uma tristeza, que parece encarnar uma alma desolada, aquela palmeira alta, sujeita ao vento, que a verga e flexiona, mas não a parte, nem arrasta.

Num cimo escondido entre palmeiras, há o pitoresco primitivo dum logarejo incivilizado; há carinho naquelas civilizações estranhamente pri-

mitivas. Presta-se um culto à familia, compreende-se que o amor é qualquer coisa de maior que o socialismo ou o comercialismo contemporaneo; há nos seus rituais a deuses pagãos, menos hipocrisia e mais fé que a de certos povos que hiperbólicamente se dizem civilizados.

Em baixo junto das praias, as colónias dos despotas a quem não mete mêdo a zagaia ervada do nativo, porque dispõem de boas polvoras e boas armas, continua a ser a mancha negra da civilização comerciante. São despotas enviados pela enevoadá Albion a enriquecerem à custa do trabalho, da saúde e do vigôr destes desgraçados hawaianos, que as necessidades, motivadas já por um principio civilizador, obrigam a irem sacrificar-se nas mãos do seu senhor. História de todos os tempos que é a do nosso tempo, o homem curvando-se ao jugo do homem, defendendo com arrebatamento e sempre com fé, para maior jugo, para maior servidão, o pavilhão sagrado da liberdade.

Por isso, estas ilhas de Hawai, quando o écran no-las mostra, têm para nós um encanto particular; são as ilhas do sofrimento, segundo o scenário de alguns filmes. São o décor maravilhoso e feérico esbatendo-se ao sol, a um sol que as doira, que as torna ilhas de encantamento. De longe os palmares parecem acenar-nos, parecem dirigir-nos um convite amigo. Vergam as suas copas altas, fazem «nuances» de sol através da sua folhagem, através da sua ramaria, barras de oiro cravando-se no solo.

À noite a lua espelha duma côr argentea, suave, sem scintilações que ferem a vista, êste mar rico, prodigiosamente rico, onde todos os dias em busca de bancos peroliferos, baixam e mergulham homens que de quando em quando uma embolia fulmina.

Então quando do alto, do meio dos palmares cai como um hino o som melancólico da guitarra de Hawai, o nababo, o potentado, num paraíso que a civilização estraga, faz ouvir o seu mais moderno gramofone, num «fox» irrequieto e atrevido, mancha de som caindo e enodoando largamente a beleza das noites destas ilhas perdidas, entre bancos de corais no meio do Pacifico.

**BONUS** oferecido aos leitores da Invieta Cine pela Ex.<sup>ma</sup> Empreza do cinema Olympia nas matinees dos dias **15 ou 17 de Outubro de 1931.**

50 % de desconto em todos os lugares

# A Ilha dos Navios Perdidos

(Conclusão)

que se encontram. Mas já é tarde. Todos os escaleres foram aproveitados pelos passageiros.

Com grande surpresa, Howard verifica que o *Queen* se mantém à superfície e é lentamente arrastado pela corrente, por entre destroços quasi submerso. No horizonte, uma mancha escura, confusa... Parece terra, mas não... É a Ilha dos Navios Perdidos, uma lenda, uma ficção que se converte pouco a pouco em realidade.

Ninguém ficou a bordo, à excepção de Howard, Jackson e Dorothy, que foi salva por Howard, quando o bote salva-vidas se afunda com o resto dos sobreviventes. A desgraça irmana esses três seres que juram ajudar-se mutuamente.

O *Queen* acha-se agora enalhado. Teve a mesma sorte de outros navios ao sabor das correntes do Atlântico. São centos deles que ali se acham aglomerados... Barcos de todas as espécies, formando uma ilha compacta de que as algas marinhas são a vegetação.

Desembarcando Howard e Jackson constatarem que se encontram no seio de uma colónia de cinquenta seres humanos, duas mulheres inclusivé, governada ditatorialmente pelo capitão Forbes alma de pirata. Todos o temem, e executam sem vacilar as suas ordens.

A-fim-de impedir disputas e rixas. os da colónia determinaram que toda a mulher que aportar à ilha deverá casar com um deles. Assim, Dorothy tem que escolher marido e Forbes confia em que lhe caberá a preferência. Mas não é sem custo que se celebra o casamento de Dorothy com o tenente Howard—afinal a vítima de um erro judiciário.

O capitão Forbes quer vingar-se e persegue os recém-vindos. Estes refugiam-se num submarino que se acha em perfeito estado de conservação, e que, no fim de uma luta titânica, conseguem safar, navegando livremente.

O detective Jackson desistiu de levar o preso a Nova York. Dirigir-se-ão todos a Porto-Rico para que se esclareça a verdade sobre o crime praticado por outrem que não o tenente Howard, e até que se tenha a completa absolvição do valoroso oficial da marinha de guerra Norte-Americana.

Alvaro Pires, socio-gerente do Aguiá d'Ouro diz-nos o que será a época 1931-32 no seu cinema

(Conclusão)

e Conchita Montenegro; *O Trio Fantastico* com: Lon Chaney e Lila Lee; *O Espetro Verde* com: André Luguet e Jetta Goudal; *Romance* com: Greta Garbo e Lewis Stone; *In Gay Madrid* com: Ramon Novarro e Dorothy Jordan; *A Divorciada* com: Norma Shearer e Conrad Nagel; *Lua Nova* com: Lawrence Tibbett e Grace Moore; *Noite de Duendes* com: Laurel e Hardy; *Jenny Lind* com: Grace Moore e Reginald Denny e *Dentro da Lei* com: Joan Crawford e Rob. Armstrong, etc. etc.

«Este ano vou dar a preferência ás produções francêsas. Tenho a impressão que o público as prefere ás alemãs ou americanas a não ser que estas venham já escudadas por uma fama mundial. Levo, todavia, filmes americanos, mas em menor número do que na temporada finda, e mais escolhidos.

«Revelações sensacionais a fazer-lhe não tenho nenhuma. Conto ainda com alguns filmes de grande valor, mas nada lhe posso dizer ainda, para que outros não se me adeantem... Só lhe digo uma coisa. Cada vez estou mais gordo e todavia ando arrasado devido a um constante excesso de trabalho. Esperemos, porem, que o público... e vocês... o saibam compensar...»

## Em sete dias:

—29 de Setembro—Inauguração da temporada de inverno no cinema «Trindade» com o filme *A Marselhesa*.

—3 de Outubro—Inauguração da temporada de inverno no cinema «Olympia» com o filme *Segue o teu coração*.—O cinema «Central», de Lisboa, inaugura a época de inverno com o filme *Cruzeiro de Amor*.

—4 de Outubro—Chega ao Porto o nosso director da Paramount em Portugal, sr. T. M. Guimarães.

—5 de Outubro—Inauguração da temporada de inverno no cinema «Aguiá d'Ouro» com o filme *Santo Antonio*.—De regresso de Lamego, chega ao Porto Heloisa Clara, seguindo no dia seguinte para Lisboa.—O cinema «S. Luís», de Lisboa, inaugura a temporada de inverno com o filme *O Salto Mortal*.

# FOTOGRAFIA GUEDES

O MAIS COMPLETO ATELIER FOTOGRAFICO

Telefone, 2680

NEVES GUIMARÃES

346, Rua Santa Catarina, 350



# Aguia d'Ouro

estreia na próxima 2.<sup>a</sup> feira



A super-produção da  
FIRST NATIONAL,  
100 % falada

## A ILHA DOS NA- VIOS PERDIDOS

(The isle of the lost Ships)



Realização de IRVIN WILLAT

com: *Virginia Valli, Jason Robards e  
Noah Beery.*

**Programa Castelo Lopes**



# AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L<sup>DA</sup>

apresenta o primeiro grupo de selecção de super-filmes  
para a temporada de 1931/32

**Cruzeiro de Amor**, com Lilian Harvey e André  
Roanne, produção Bloc-Robinovitch, da Ufa.

**Misterios de Berlim**, com Annabela e Richard Wilm,  
produção Erich Pommer, da Ufa.

**Espionagem**, com Brigitte Helm e Willy Fritsch,  
realização de Gustavo Ucicky, produção Ufa.

**Mlle Nitouche**, com Anny Ondra, realização de  
Carl Lamac.

**Viena Dançando**, com Lilian Harvey e Henry Garat,  
produção Erich Pommer, da Ufa.

**Partir**, com Jean Marchat e Simone Cerdan, reali-  
zação de Maurice Tourneur, produção Pathé-Natan.

**Anny e seu Irmão**, com Anny Ondra, realização  
de Carl Lamac.

**A Loucura de Monte Carlo**, com Kate de Nagy  
e Jean Murat, produção Erich Pommer, da Ufa.

**O Morcego**, com Anny Ondra, realização de Carl  
Lamac.

**Matou**, realização de Fritz Lang Produção Nero-Film.

**Viva a Liberdade**—realização de René Clair, pro-  
dução Tobis.

**O Rei da Graxa**, com Georges Milton, realização  
de Piére Colombier, produção Pathé-Natan.

Total 12 super-produções de 1931 com os artistas mais apreciados pelo publico português  
e realizados pelos melhores «metteurs en scène» da actualidade.

PROGRAMAR ESTES FILMES É ADQUIRIR OS MAIORES EXITOS DE BILHETEIRA!

Dirigir os pedidos de marcações aos nossos escritorios: AVENIDA DA LIBERDADE, 245 rjchão

**END. TELEGRAFICO — AGENFILMES — TELEFONE N.º 3595**